



Eu te escrevo da minha janela

Poemas de Roseana Murray
e Penélope Martins

Fotografias de Alda Maria Sanchez

Editorial Toda Hora tem História
&
Residência no AR Edições Digitais

ficha técnica

Copyright © 2020 pertencente às autoras Roseana Murray e Penélope Martins.

Copyright das Fotografias © 2020 pertencente à autora Alda Maria Sanchez.

Capa: Penélope Martins com fotografia de Alda Maria Sanchez.

Fotografias: Alda Maria Sanchez.

Preparação e revisão: Penélope Martins

Projeto Gráfico: Toda Hora Tem História.



Janela

Substantivo Feminino. Abertura na parede para deixar entrar a **luz** e o ar, através da qual se pode ver o outro lado.

Espaço de tempo.

No plural, janelas, metáfora para os olhos.

Eu te escrevo
da minha janela,
a partir do momento
em que um pássaro
deixou pousado o seu canto
de voo e susto,
nesse parapeito gasto.
Te conto uma árvore
do outro lado da rua,
e esses acontecimentos,
árvores e pássaros,
esses sons, essas sílabas,
são o que posso
te oferecer agora.

- Roseana Murray

um raio de sol tímido convida
já passa do meio-dia
quando a gata,
esgueirada de mimos, reaparece
ladeia o corpo
no assoalho
busca em si palavra
selvagem.
agora debruço na janela, pendentes
tenho os braços soltos
calor de alma indomável.
tal e qual
eu e minha companheira de exílio.

- Penélope Martins

A palavra nômade
tenho gravada no sangue.
Basta ouvi-la e já
tudo se move à minha volta,
um redemoinho de ventos
antiquíssimos,
poeira de países
que já nem existem mais.
Tudo é tão provisório.
Chego com a pequena
valise de livros
e corro para abrir a janela
neste lugar estrangeiro.
Uma lufada
do destino me abraça.

- Roseana Murray

o latido do cão amacia
a cantilena da criança
em brincares *adoletá*
tudo se mistura ao som da água
na percussão insistente de mãos
alternando festival de cores
na beira do balde.
visito a janela como espiã
dessa felicidade pequena.
e sonho como uma criança
e um cão
e uma mulher livre.

- Penélope Martins



Caminho por ruas
que não me pertencem,
tento decifrar as vidas
atrás das paredes.
Numa casa verde,
janelas com cantaria,
uma senhora
quase tão antiga quanto a casa,
se assoma,
se debruça.
De baixo tento decifrá-la
como se um papiro.
Vi o lusco-fusco
em seus olhos.

- Roseana Murray

As janelas
são os olhos da casa.
Eles se fingiam de cegos,
quando num mundo
de antigamente,
namorados entravam
clandestinos,
como se a cama da amada
fosse um barco.
Depois, as janelas se abriam
sem ruído,
alimentadas de suspiros.

- Roseana Murray

o sinal dos teus passos
crescendo na proximidade
desta minha casa-exílio
tumultua minha memória.
faz tanto tempo
meus amigos se foram.
da minha janela vejo
os cabelos vermelhos
combinam com as flores
o vestido. de onde vem
essa mulher? seu olhar
distráido nos cabelos brancos
da minha cabeça
parecem uma conversa.

- Penélope Martins



A primeira coisa
que o olhar busca
ao abrir a janela,
são os telhados.

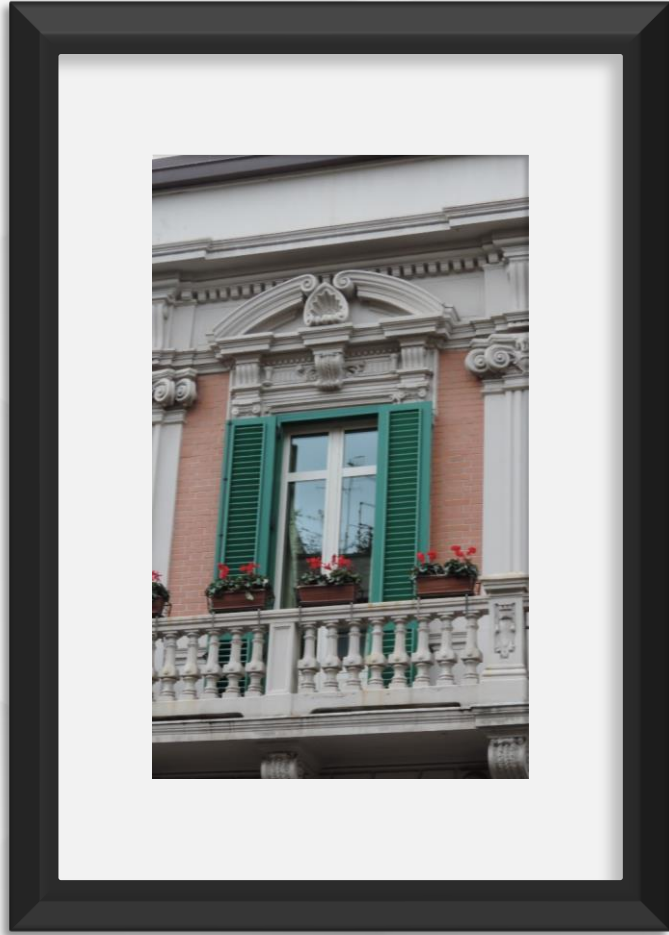
Gosto de varrer a cor
de terra com o olhar
para dentro de mim.
Me encher desse barro
por dentro, oleira que sou
de poemas.

Respiro a luz da manhã
que escorre pelas telhas
feito um rio.

- Roseana Murray

teve uma manhã
que a loucura veio
e os meus olhos
fagulhados de utopias
plantaram trigo na cor
terra das telhas de barro
e eu respirei fundo
como se não bastasse
o brilho dourado do trigo
dançando
na paisagem.

- Penélope Martins



Eu te escrevo
da minha janela,
para falar das outras
janelas,
das que abrem para dentro,
com seus trincos enferrujados.

Há que untá-los
com devaneios.

Te conto:

Havia um orfanato
na frente dos meus olhos.

Às vezes, as crianças
saíam em fila,
vestidas de um azul

sujo, desbotado, gasto,
todas iguais
em seu abandono
e pobreza.

Uma parte da tristeza
que ficou grudada
na minha pele,
não adianta lavar,
esfregar,
é visível e envelhece
comigo,
trouxe daquele tempo,
daquele azul esgarçado,
daquele pano que cobria
meninos e meninas,
do pão velho
que certamente comiam.

- Roseana Murray

nesta casa tem uma nossa
senhora de barro jeitosa
dedicada a habitar só um oratório
mesmo em frente
um jarro de flores frescas
um livro de poemas
uma pedra e um dedal
que foi de minha avó.
alguém me advertiu
"não se pode misturar santa
com coisa mundana". eu só fiz sim
com a cabeça, deixei
o conselho secar. de certo
essa pessoa não sabe

da fé e da misericórdia
do poema
e nem comentaria milagres
no cozer com aquele dedal
que fez render préstimos
à nossa família inteira.
ah, a pedra... tem também,
e as flores que fenecem
perdurando perfume apesar
da morte anunciada
como se fosse remediado o fim.
nesta casa, as janelas se abrem
para dentro.

- Penélope Martins





Te escrevo do parapeito
da minha janela,
está muito difícil,
pois trouxe um navio
comigo, o que carregou
meu pai em seu bojo.
Dentro de mim
ele cabe, mas hoje
resolvi retirá-lo
para que tomasse um pouco de ar
e muitos escombros
ocuparam a casa,
mal consigo me mover,
sobrou apenas
o parapeito
onde me apoio
sobre o nada.

- Roseana Murray

hoje eu te escrevo em giz
apanhei essa pedrinha mole
fundo da gaveta do tempo
de professora primária.
peguei no danadinho
miúda recordação, e fiz
teu nome no parapeito da janela
frente da casa.
hoje eu te escrevo em giz
para que a chuva lave o pó
e tua visita chegue alarde
nosso próprio recreio.

- Penélope Martins

enterrada, a semente de
abacate brota na rachadura
do concreto. a primeira folha
crescida entre assombros
é testemunha da solidão
dos dias. ela teima
e se refaz renda viva.

tudo isso me acompanha
enquanto escovo
meus longos cabelos
brancos e quebradiços
como se a moldura da janela
fosse da vida
meu espelho.

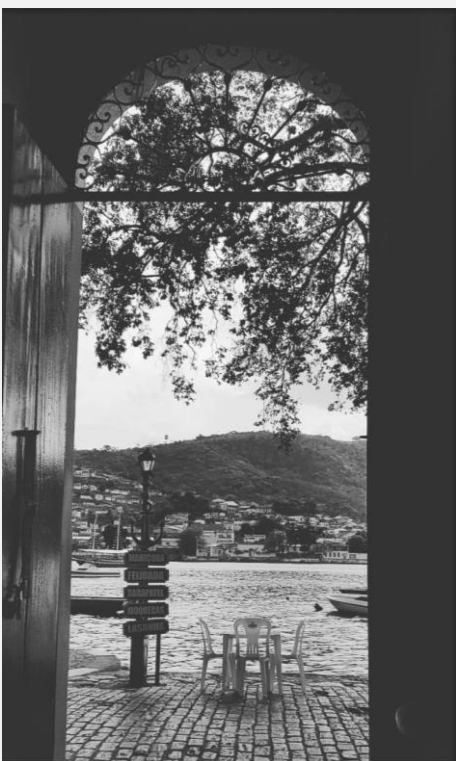
- Penélope Martins

Dentro do meu sonho
caminho por uma rua
sombreada, árvores antigas
cantam melodias para o sol,
que nós, humanos,
não conseguimos ouvir.

Busco uma casa,
a que seria minha,
tenho a chave na mão
e não a encontro.

A única coisa que sabia
com certeza,
era a cor das janelas,
mas no sonho
não me lembro
e por uma simples cor,
vago perdida.

- Roseana Murray



dei-lhe o nome de Maniçoba
ela é tão invulgar e, como se não bastasse,
faz o tipo conquistadora, olhos oblíquos,
benta criatura
poderia se chamar como aquela
do romance, mas quando chegou à casa,
eu andava de porta fechada pra rua
lá fora redemoinhos
folhas secas marulhavam mar, e eu
cheia de fé latina a batizei: “ tu te chamarás
coisa da terra, para que eu me lembre
das gargalhadas mesclas maré e folhas e ruas
e passos arrastados em chinelos
e livres felinos ladinos a pedir petiscos
à beira de uma mesa de bar.

-Penélope Martins

uma vez, aquela senhora
que mora no 302, logo depois
da banca de flores ali na esquina
onde o carteadado acontece
sempre às quartas-feiras
lado oposto do terreno
baldio, berço de futebol
e das pipas e houve até
eu me lembro bem,
vez de fogueira e pinhão,

e eu já ia me esquecendo
que falava daquela senhora
vestindo camisola puída
despejou um monte de chaves
na calçada gritou:
"hoje destranco
meu peito de dores antigas".
incrível como o carteadado
seguiu sem dar por nada,
mas a meninada
fez das tralhas, brinquedo.
ainda posso sentir a barulheira
que invadiu
minha janela.

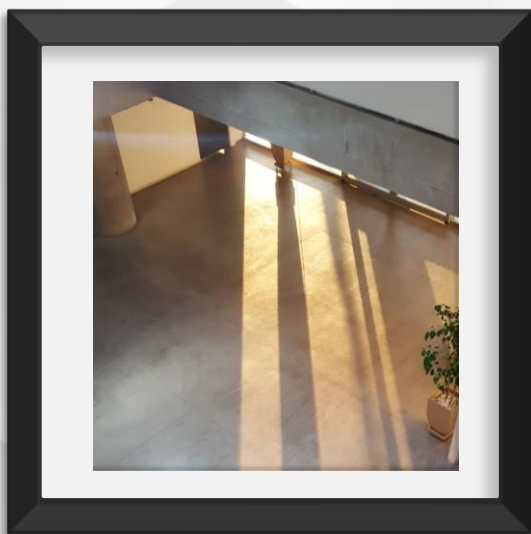
- Penélope Martins

Mesmo com as janelas
fechadas,
as estrelas entram
pelas frestas, venezianas,
e nos sonhos a cidade
se insinua, pedaços
do que foi vivido
algum dia,
te conto um mercado
africano, suas cores,
suas línguas, as marcas
tribais nos rostos,

uma mulher tão bela
que parecia miragem
vendia alokô,
banana da terra frita,
os tecidos se espalhavam
pelo chão feito tapeçaria.
Uma cidade sobre outra
como um corpo
sobre outro
e o sol entra e me acorda
no meio de um pregão
que atravessou o tempo
e ressoa.

- Roseana Murray





Seremos talvez pássaros
exilados, nossas asas
quebradas.

Evoco a legião de anjos
por quem Rilke gritou,
apenas um bastaria,
que entrasse em silêncio
pela janela,
me emprestasse seu voo
e me ouvisse.

- Roseana Murray

uma janela.
seja como for.
uma janela.
seja como for.

é quase a perfeição
a ideia de uma janela
o quase fica por conta
do pássaro que precisa
vir pousar no parapeito
onde mora a sombra
de uma amendoeira
dando sentido à janela
por mais perfeita
que antes seja.

- Penélope Martins

Hoje não durmo talvez,
a janela me chama,
porque há lua lá fora
e quando o luar
agarra meus cabelos,
é preciso uivar,
chamar a alcateia
de mulheres perdidas.
Me debruço,
como se precisasse
correr pelas ruas,
até que minha alma
se transformasse
numa escultura de prata.

- Roseana Murray

sempre o espanto ao ver
quase que enamoradas
as roupas penduradas
e o vento a lhes balançar as pernas
punhos desabotoados, colarinhos
e há o indescritível das rendas
frescor de intimidade.
sem falar das meias
aventureiras fugitivas
deixam tristes os sem-par.
é tão engraçado ter quem
despreocupadamente,
passe para o lado de fora
em beiras de janelas
tantos segredinhos.

- Penélope Martins

Essa casa, com as janelas
abertas sobre o mar,
voa junto com as gaivotas
e o cheiro de algas
escorre pelas paredes.

O horizonte às vezes
se aproxima, se pode tocá-lo
para que as mãos se tinjam
de terras que estão do lado
de lá.

Ao entardecer conto
os barcos,
sei que em algum
você chegará,
com mapas do tesouro,
palavras antigas,
desenterradas.

- Roseana Murray

quando eu era pequena
na rua em que morava
uma casa de pedras antigas
tinha uma breve janelinha
coisa bem pouca alinhada
ao passo da calçada. disparate.
quem teria a ideia absurda
miragem de ver pés passeando
o dia todo sem uma única cabeça?
foi para resolver a questão que me deitei
o vestido ficou imundo

minha mãe brigou por dias, espiei
pela janelinha na certeza de que
ao menos uma vez a paisagem
se preencheria com meus olhos.
ainda guardo o cheiro a mofo
nas narinas. tinha lá um amontoado de vazios,
duas cadeiras quebradas
ninguém para ver os caminharos desenhados no
chão da calçada.
aquilo me encheu de pena.

- Penélope Martins

Girassóis imaginários
invadem a minha janela
com seus gritos de alegria,
os mesmos que Van Gogh
viu um dia,
peço emprestado
o seu olhar,
para que possa transformar
a casa em jardim.

- Roseana Murray

a odisseia da janela
debruçada espera
Penélope disfarça
em seu tear, reina
cercada de angústia
ameaçadores fantasmas
quereriam fazer dela
outra vez rainha.
mas ela se molda à pedra
da janela finge ser amante
finge ser devota
finge ser a espera
enquanto navega em si
dona absoluta
os dias e as noites que vela.

- Penélope Martins



Dividimos um tear,
de uma janela para outra.
Fomos tecendo versos
que escorriam pelas ruas,
atravessavam rios,
montanhas, entrelaçavam
vidas, paisagens, memórias.
Os fios se misturavam.
De uma amiga para outra
nascia um tecido, mistura
de restos,
de seda com veludo,
com sarja, algodão.
Penélope e Roseana:
fiandeiras.

- Roseana Murray

minha amiga mora no céu
tem uma janela larga
pode comer aos pedacinhos
as nuvens que penetram seu
quarto onde chovem pétalas
em amorosas pencas
de uma floreira. são rosas,
brilham orvalhadas auroras
cantam o som das estrelas.
não por acaso
eu a chamo “chama”
faiscante Roxana
das alturas.

- Penélope Martins

Onde nascem os poemas

Roseana, conta:

- Recebo um convite, um chamado da poeta Penélope Martins. Ela me diz, 'vamos fazer um livro juntas?'. Aceito na hora o desafio, pois li seu livro "Que culpa é Essa?" da Editora Patuá e amei a sua poesia. Ela me dá o título: "Eu te escrevo da minha janela", e acrescenta, 'penso em duas amigas num exílio...'

Assim mergulhamos de nossas janelas para fora e para dentro.

Penélope, lembra:

- Sempre recebo notícias de minha amiga, a poeta Roseana Murray. Junto das palavras ela me envia a paisagem da janela. Algumas são mar e vento, outras são mata e pássaros, e tem sempre uma gata que passeia e uma lua chegando no céu. Por isso eu ousei quase afirmar, 'escrevamos um livro'. Um livro aberto como são nossas janelas virtuais, uma conversa contínua para todas as gentes.

E assim fizemos, sugadas pela urgência que corre em nossas veias, porque também temos isso em comum, isso e tudo que revelam os poemas.

As Poetas

Roseana Murray - Graduada em Língua e Literatura francesas pela Universidade de Nancy através da Aliança Francesa, é autora de mais de cem livros literários. Ao longo de sua carreira recebeu prêmios da APCA, ABL e FNLIJ, além de diversas vezes o selo “Altamente Recomendável” em suas obras para a infância. Faz parte da Lista de Honra do IBBY, que abriga os melhores autores de literatura infanto-juvenil do mundo. Pela Editora do Brasil, publicou “Com a lua nos olhos”.

Penélope Martins - Advogada pós-graduada em Direitos Humanos pela PUC-Campinas, é escritora, narradora de histórias e consultora em leitura literária. Curadora do projeto “Mulheres que leem mulheres”, e mantenedora da revista virtual “Toda Hora tem História”. Entre seus livros publicados estão Que culpa é essa?, da Editora Patuá, e "Minha vida não é cor-de-rosa“, ganhador do Prêmio Biblioteca Nacional em 2019, na categoria juvenil, da Editora do Brasil.



Penélope Martins



Roseana Murray



Alda Maria Sanchez

A Fotógrafa

Alda Maria Napolitano Sanchez - Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual Paulista, mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos, com aperfeiçoamento em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua em planejamento institucional, utilizando técnicas para facilitação de discussões e construção coletiva. Dedicar-se ao estudo da musicalidade dos gongos, meditação e à fotografia.

Esperar. Verbo transitivo. Ter esperança em; estar à espera de. Confiar no auxílio.

Ler é um sempre esperar.

Dedicamos esse pequeno livro aberto às pessoas que leem como cultiva janelas arejadas para alma e coração e mente, gente que deixa o ar reavivar e a luz acalantar novas esperanças.